



## MERCADO DE ARTE, INSTITUIÇÕES ARTÍSTICAS E... PASSAPORTES. Entrevista com Alain Quemin

**Alain Quemin** é um dos jovens autores que vêm se destacando na sociologia da arte européia. Seu foco de interesse recai sobre as abordagens do mercado de arte e de seus sujeitos a partir de perspectivas das Ciências Sociais. Tem se debruçado sobre as diversas profissões artísticas, o funcionamento dos leilões e a internacionalização da arte contemporânea. Nascido em Lyon, em 1967, Alain Quemin formou-se em Ciências Sociais na Universidade de Paris X – Nanterre e doutorou-se em Sociologia na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, também em Paris, com uma tese sobre a figura do curador. Desde 2003, é professor de Sociologia na Universidade Marne-la-Vallée e membro do Instituto Universitário da França. Faz parte também de um projeto de pesquisa interdisciplinar e interuniversitário intitulado *Laboratoire Techniques, Territoires et Sociétés - L.A.T.T.S.*, que, em francês, significa “laboratório de tecnologia, territórios e sociedades”. É membro do comitê editorial da revista francesa *Sociologie de l’art* e da revista inglesa *Cultural Sociology*, além de vice-presidente do grupo de trabalho de Sociologia da arte da European Sociological Association. Foi professor convidado na London School of Economics em 2000, na Columbia University e na New York School for Social Research, em 2007. Entre os livros que publicou, estão *L’art contemporain international. Entre les institutions et le marché* (Editions Jacqueline Chambon/Artprice, 2002) e *Le rôle des pays prescripteurs sur le marché et dans le monde de l’art contemporain* (Ministère des Affaires Etrangères, 2001).

Quemin viaja muito para dar palestras participar de congressos e, durante uma de suas viagens, proferiu uma palestra em São Paulo, no Centro Universitário SENAC, em 2007. Foi nessa ocasião que o comitê editorial da Proa teve seu primeiro contato com Quemin, que gentilmente se disponibilizou a continuar a conversa por e-mail, posteriormente. Dessa simpática e estimulante troca surgiu a entrevista que se segue.



**Entrevistadora :** Ilana Seltzer Goldstein

**Tradução:** Ilana Seltzer Goldstein e Luisa Victória Pessoa de Oliveira

**PROA:** Para começar, gostaríamos que descrevesse brevemente sua trajetória, a fim de que nossos leitores possam saber como o senhor se iniciou no estudo da sociologia da arte e quais são os seus principais focos de interesse.

**Alain Quemin:** Os sociólogos, como todas as outras pessoas, nem sempre gostam de reconhecer a influência que seu meio social de origem teve sobre sua trajetória. No meu caso, a ligação pode não parecer evidente, já que pertencço à primeira geração da família que fez estudos superiores. Contudo, ao me interessar pela arte, eu prolongo certa tradição familiar: com efeito, meu pai e meu avô eram desenhistas da indústria de seda de Lyon e meu padrinho, copista no Museu do Louvre. Sempre existiu, na minha família, algum interesse pelas artes visuais ou, mais precisamente, pela pintura moderna e clássica. Desde bem jovem eu era levado a museus e sempre houve quadros ao meu redor. Pertencendo a uma família independente, porém ao mesmo tempo bastante tradicional, não foram as minhas competências artísticas que meus pais buscaram desenvolver plenamente, mas as de meu irmão, que, como primogênito, parecia o mais legítimo herdeiro da profissão de meu pai. Só que no final, ele não desenvolveu nenhum interesse pela arte, e eu sim. Eu acredito que esse simples exemplo particular ilustre, de forma notável, como o determinismo social exerce seus efeitos, não de maneira mecânica e sobre um único indivíduo isoladamente, mas sobre um conjunto de indivíduos. Se num primeiro momento eu poderia parecer alguém que escapou da influência de seu meio social de origem, ao acender aos estudos superiores e ao me especializar em sociologia, a escolha de dedicar minha tese de doutorado à arte não deixa de tem conexão com a familiaridade que sempre tive com o meio artístico. Justamente porque eu queria fazer uma tese em sociologia da arte é que fui ao encontro de Raymonde Moulin, verdadeira responsável pela fundação e pela institucionalização da sociologia da arte, e foi ela que me propôs estudar a profissão de leiloeiro, que até então eu absolutamente desconhecia (eu nunca tinha sequer assistido a um leilão). Após vários anos dedicados a esse objeto de estudo, uma demanda de assessoria do Ministério das Relações Exteriores me levou a me interessar pela dimensão internacional da arte contemporânea, assunto com o qual venho trabalhando há aproximadamente dez anos. Isso para mim foi uma grande

oportunidade. Há anos eu já vinha me envolvendo com associações internacionais de sociologia, principalmente com o ISA (International Sociological Association), mas enquanto estudava os leiloeiros, com seu status franco-francês, eu não conseguia estabelecer tantos laços quanto gostaria com meus colegas estrangeiros. Pesquisar a dimensão internacional da arte possibilitou uma divulgação muito melhor de meu trabalho fora da França e permitiu discutir a globalização cultural com base em dados empíricos abundantes, algo raro naquele momento.

**PROA:** Quais são as principais correntes da sociologia da arte hoje e com qual delas o senhor mais se identifica ?

**Alain Quemin:** A sociologia da arte é uma disciplina que se desenvolveu significativamente na França, nos últimos vinte anos. Se nós considerarmos o número de teses defendidas na área de sociologia desde então, a sociologia da arte e a sociologia da cultura devem ficar na segunda posição, atrás só da sociologia do trabalho e das profissões, que é, tradicionalmente, o grande domínio da sociologia francesa ! Há quarenta anos, a sociologia da arte era embrionária, e há vinte anos as escolhas eram simples, com duas correntes na sociologia da arte : uma ao redor de Raymonde Moulin, e outra em torno de Pierre Bourdieu, sendo que os dois começaram a trabalhar com arte a partir dos anos 1960. O objeto 'arte' foi muito menos central na produção de Pierre Bourdieu que é, antes de tudo, um sociólogo da arte e da cultura. Eu acho que a amplitude dos objetos estudados por ele, bem como o lado 'sistemático' de seu pensamento, aliados à originalidade do autor e ao valor operacional e heurístico de seu modelo, contribuíram para lhe assegurar um grande sucesso que não me parece de forma alguma injustificado. Eu sou pessoalmente admirador dos trabalhos do jovem Bourdieu, aquele que redigiu O amor pela arte com Alain Darbel em 1969. Os avanços dessa obra são consideráveis ainda hoje, mas aquele Bourdieu mais maduro das Regras da Arte, de 1992, me convence bem menos. Raymonde Moulin, por sua vez, se ateu a um objeto mais restrito que o de Bourdieu - a arte -, porém cumpriu um papel importante na França, em termos da institucionalização da sociologia da arte. Seus trabalhos centrados no mercado e nas instituições, desenvolvidos a partir do livro *Le Marché de la peinture en France*, publicado em 1967, ainda são uma referência hoje. Eu me insiro claramente nessa segunda filiação.

Desde então, a sociologia da arte vem sendo uma disciplina distribuída, no plano institucional, entre diversas equipes ou mesmo pessoas, o que é, aliás, a marca de seu sucesso. De qualquer forma, é possível observar na França, de dez anos para cá, tentativas para integrar melhor nos trabalhos a temática da sociologia das obras.

**PROA:** Nosso grupo de estudos na Universidade Estadual de Campinas é formado por estudantes de Ciências Sociais que se interessam pelos fenômenos artísticos de diferentes gêneros e sob diversos ângulos. Você acha que a interdisciplinaridade seja pertinente – e possível – no seio dos estudos sobre a arte? Como a antropologia e a sociologia podem dialogar com este domínio, por exemplo?

**Alain Quemin:** Provavelmente em virtude da herança durkheimniana - e apesar da influência de Claude Lévi-Strauss, que ao desenvolver a antropologia, buscou inverter essa perspectiva - tendemos na França, de forma bastante espontânea, a considerar a sociologia como a 'rainha das ciências sociais'. Enquanto sociólogo da arte, eu acredito que as contribuições dessa área de conhecimento são muito importantes. Eu seria mais reservado quanto às contribuições da antropologia, talvez menos marcantes no domínio da arte do que em outros, como a antropologia da doença ou o estudo de parentesco, por exemplo, nos quais a perspectiva antropológica me parece determinante. No entanto, considero as abordagens etnológicas e etnográficas muito importantes e acredito que o método etnográfico constitua um excelente terreno de diálogo entre sociólogos e antropólogos. Entre as outras disciplinas que podem enriquecer a sociologia da arte, a história da arte é, aos meus olhos, igualmente essencial.

**PROA:** A socióloga francesa Nathalie Heinich escreveu que a arte contemporânea deve responder a três condições fundamentais para poder ser considerada como tal: 1 - a predominância da função estética (e não a função utilitária ou religiosa) 2 - certo grau de originalidade (mesmo se o é na recriação de algo que já existia, a abordagem deve ser inédita); 3 - a assinatura de um artista reconhecido como legítimo pelas instâncias de legitimação. Como o senhor define a arte contemporânea, como sociólogo?

**Alain Quemin:** Pessoalmente, eu não acho que enquanto sociólogo deva definir a arte contemporânea, mas analisar como os atores definem eles mesmos a arte contemporânea e o que faz sentido sociologicamente nesta definição, ou, mais precisamente, nestas definições . Mais que o antropólogo, que é vez por outra tentado pela busca da unidade, o sociólogo deve ser sensível à grande diversidade de fenômenos sociais e de suas definições. Assim, como sociólogo, eu devo estar atento ao fato de que a definição de arte contemporânea varia notadamente segundo os espaços. O que é tomado como contemporâneo é diferente em Nova York, em Paris, ou em uma pequena cidade francesa. Diferente, portanto, para os atores que pertencem a esses diversos espaços sociais. Acho, portanto, impossível dar uma definição única de arte contemporânea, pois isso exigiria me colocar acima dos atores cujas definições são plurais.

**PROA:** Em uma conferência recente na Universidade Estadual de Campinas, o etnomusicólogo Alberto Ikeda disse que o fator 'étnico' atualmente se mostra importantíssimo para a venda de produtos culturais assim como de outras mercadorias – que ficam mais chamativas quando são associadas a realidades exóticas e 'autênticas'. O senhor vê essa valorização da arte étnica, dita 'primitiva', no mundo das artes visuais? De maneira geral, de que forma o conceito de autenticidade artística ainda faz sentido?

**Alain Quemin:** Desde o século XIX e o período romântico, a individualidade é central para legitimar a arte enquanto tal, e não mais o trabalho ou a "maneira de fazer". Na medida em que existe uma ligação entre autenticidade - que remete a um criador -, e individualidade, a autenticidade oferece uma legitimação à obra de arte, portadora desta marca.

**PROA:** O senhor vem conduzindo uma grande pesquisa, desde 2000, que revela que a nacionalidade dos passaportes dos artistas tem forte relação com seu sucesso ou sua marginalização no sistema global das artes. Como se explica a predominância de certos países na cena artística global, tais como Alemanha, Reino Unido, e Estados Unidos? Isso tem relação com a existência de políticas públicas eficazes para a cultura nessas nações?

**Alain Quemin:** Se, no século XIX e na primeira metade do século XX, Paris era claramente o coração do mercado e do mundo internacional da arte, hoje, essa posição é incontestavelmente ocupada por Nova York. Em uma época onde os diferentes atores do mundo da arte querem crer mais do que nunca na globalização, na mistura e no desaparecimento de fronteiras, a abordagem sociológica permite mostrar que os Estados Unidos dominam nitidamente o mercado e a cena mundiais, a Alemanha vem na segunda posição, separada por uma confortável distância do Reino Unido. Depois vêm, ainda que muito atrás, a França, a Itália e a Suíça, cabendo aos demais países um papel um tanto anedótico na cena internacional e no mercado de arte. A única grande mudança, nos últimos anos, foi o despontar fulgurante da China e de seus artistas, ainda que bem mais no mercado do que nas grandes instituições internacionais, e mais nos leilões do que nas feiras. Mesmo que a nacionalidade e o país de residência sejam insistentemente recusados pelos sujeitos da pesquisa como fatores determinantes para o sucesso de um artista, fica claro que, ao inconscientemente, eles marcam fortemente os espíritos e determinam as escolhas. Quanto às políticas públicas existentes em cada nação, elas exercem um papel internamente, mas isto não é fundamental do ponto de vista da projeção internacional, como mostra o exemplo da França, que investe muito para defender seus artistas mas, não obstante o esforço do governo francês, ocupa posições cada vez mais frágeis no ranking global.

**PROA:** A crise econômica global que estamos atravessando pode mudar a situação de dominação artística que se perpetua há décadas?

**Alain Quemin:** A evolução das posições nacionais no mercado e na cena internacional da arte se processa essencialmente em médio e longo prazos. A China é provavelmente um dos únicos países que "explodiu" no mercado dos leilões em um intervalo de poucos anos. Antes dela, a Alemanha havia se imposto de forma massiva ao longo de uma década, durante os anos 1980. É principalmente quando a crise econômica afeta certas regiões do mundo de modo mais tênue que outras, que os artistas dessas regiões tendem a se sair melhor. Na medida em que os artistas contemporâneos chineses são financiados pelos compradores de seu país, a garantia de seu sucesso no tempo depende claramente da capacidade de compra dos colecionadores chineses. Mas, globalmente, eu acredito que a hierarquia que prevalece

há muitos anos no mundo e no mercado da arte contemporânea será pouco afetada pela crise.

**PROA:** Na sua pesquisa, o senhor toma como categoria principal a nacionalidade das obras. Quais resultados seriam obtidos numa pesquisa parecida, mas tendo como ponto de referência o gênero e/ou a origem social dos artistas?

**Alain Quemin:** Se eu decidi centrar meus trabalhos na nacionalidade ou no país de residência, foi para ir - considerando um fator particular - contra a crença romântica que persiste ainda hoje segundo a qual o artista seria livre das influências da sociedade na qual ele vive, evoluindo em um mundo sem fronteiras. Na verdade existe, neste como em outros domínios, um real determinismo social. Eu penso que seria igualmente interessante multiplicar as análises a partir de outros fatores como o gênero e a origem social, já que eles exercem papel igualmente importante no fato de alguém vir a ser, ou não, um artista reconhecido.

**PROA:** Você acredita que seu trabalho, enquanto pesquisador, traz conseqüências que podem influenciar a realidade do mercado de arte ou a política de aquisição dos museus ? Em outros termos, de que forma sua pesquisa sobre arte contemporânea afeta seu próprio objeto ?

**Alain Quemin:** Como Pierre Bourdieu bem assinalou, a sociologia é uma ciência que incomoda, no sentido de que ela desvela uma parte da realidade, quando existem alguns que têm todo o interesse em manter a opacidade das coisas. Assim que eu publiquei meus primeiros resultados, fui alvo de violentos ataques por parte de representantes do Ministério da Cultura e da Comunicação da França - e também daqueles que se beneficiavam de seu financiamento -, porque eles não queriam que se dissesse abertamente que, hoje, a França recuou muito no ranking internacional das artes visuais e que os artistas franceses atuais são bem menos representativos que no passado, mesmo se tratando de dois fatos incontestáveis, que podem ser objetivados. O número incrivelmente alto de artigos que foram dedicados a esta pesquisa, na França, mas também em muitos outros países (o Times e o New York Times falaram do trabalho e também a BBC) produziu alguns impactos no mundo social estudado. O perigo, quando o sociólogo revela alguns princípios, é que isto contribua para reforçá-

los ainda mais. Ou seja, no momento em que eu assinalo que os artistas americanos, alemães e britânicos são os mais legítimos e os mais caros no mercado de arte, os colecionadores podem hesitar em pagar preços elevados para artistas franceses, e deste modo, eu corro o risco de reforçar tais fenômenos, ao lhes dar uma justificção objetiva. Eu sei que os atores do mundo da arte lêem muito, tanto os meus próprios trabalhos, como os de Raymonde Moulin. Aliás, não há nada de surpreendente nessa apropriação de nossos resultados, nem no fato de que os dados da pesquisa possam influenciar seus comportamentos.

**PROA:** Como você avalia a inserção de artistas brasileiros no mercado global de arte contemporânea? E nas programações dos museus ?

**Alain Quemin:** O Brasil possui três artistas contemporâneos que são célebres no exterior: Tunga, Ernesto Neto e Vik Muniz. Esses artistas têm menos destaque e são bem menos caros que as estrelas da arte contemporânea, como Jeff Koons, Damien Hirst, Gerhard Richter, Sigmar Polke, Bruce Nauman, Louise Bourgeois etc., mas mesmo assim possuem uma grande visibilidade.. e eles ainda são jovens, então dispõem de tempo à sua frente para se imporem ainda mais.

A posição dos artistas contemporâneos brasileiros é fácil de ser objetivada no mercado de vendas em leilão. Se considerarmos a lista de nacionalidades dos 500 artistas nascidos após 1945 que são mais caros, quer dizer, que atingem a maior sona dentro do montante global das obras arrematadas nos leilões de 2007-2008 (tomando como fonte o Artprice 2008 e uma classificação por países de nascença feita por minha conta), não estarão presentes mais do que 03 artistas brasileiros, contra 141 chineses (!), 84 americanos, 42 britânicos e 36 alemães, por exemplo. Deve-se notar, por outro lado, que os artistas brasileiros, mesmo sendo bem menos numerosos que aqueles de outras nacionalidades, são ainda jovens, já que se trata de Beatriz Milhazes (nascida em 1960), Vik Muniz (nascido em 1961) e Adriana Varejão (nascida em 1964).

**PROA:** Em sua opinião, o interesse pela arte contemporânea na China tem algo relacionado com o passado comunista do país ou com as suas fortes e antigas tradições?



**Alain Quemin:**Eu acredito que o interesse pela arte contemporânea na China pode ser relacionado, de um modo geral, à riqueza da cultura chinesa, assim como com a um forte sentimento nacionalista que leva os chineses a se interessarem por artistas de seu próprio país, o que não acontece em todos os países do mundo. O peso da formação artística me parece igualmente determinante, já que os artistas chineses, não raro, são excelentes pintores e há muito o que ver em suas obras que demonstram uma maestria técnica espetacular.

**PROA:** A Maison des Sciences de l'Homme, na França, vai em breve se mudar de Saint Germain, um bairro nobre, para a periferia de Paris. E o tradicional Musée de l'Homme foi fechado para dar lugar ao Musée Branly, inaugurado em 2006 e, ao contrário de seu antecessor, já conta com um grande número de frequentadores. O senhor acredita se tratar de dois fatos isolados ou é deve-se temer que as Ciências Sociais na França não possuam mais o mesmo prestígio que antes?

**Alain Quemin:** Eu acredito que a perda de prestígio da Maison des Sciences de l'Homme e da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, que ela abriga, já seja uma realidade. Essa instituição foi fundada a partir de um projeto ambicioso e acolheu os maiores e mais reconhecidos sociólogos de seu tempo: Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron, Raymonde Moulin, Jean-Claude Chamboredon, Claudine Herzlich, Luc Boltanski e Alain Touraine, para citar alguns. E o que temos hoje? Eu temo que a instituição não tenha sabido se renovar e que ela não tenha sido capaz de atrair os melhores para suceder a geração dois pais fundadores. Esperemos que a mudança de sede marque um novo início e permita à Maison des Sciences de l'Homme retomar seu fôlego. Sobretudo porque ela deveria ter papel fundamental na definição do status das ciências sociais na França e mesmo no resto do mundo. Eu assim espero.

**PROA:** Para terminar, que espécie de contribuição teórica ou metodológica o senhor acredita que a sociologia da arte possa oferecer às ciências sociais de uma maneira geral?

**Alain Quemin:** Eu não acredito que deva existir uma cisão entre os diferentes domínios sociológicos, tampouco fissuras entre as diferentes ciências sociais. É exatamente a partir das contribuições trazidas para outros domínios da sociologia, ou

para outras ciências sociais, que podemos reconhecer uma boa pesquisa sociológica. Eu me defino essencialmente como sociólogo da arte, mas, se meus trabalhos não trouxessem nada para domínios conexos, como a sociologia da globalização, a sociologia das profissões ou a sociologia da família, para dar alguns exemplos, e se eu não fosse lido por etnólogos da arte ou por historiadores da arte, sua importância seria menor.